

— Tanto faz, o que importa mesmo é o clima, qualquer filme serve. — Que tal um drama triste? — Você é cruel, hein? Nono, com toda a audácia, escolheu um cinema privativo. Na imensa sala de projeção, apenas Luming Fei e ela estavam sentados lado a lado. A luz azul do projetor vinha por trás, como uma lâmina cortando o espaço. Cada um segurava um copo gigante de Coca-Cola — o funcionário garantira que combinava perfeitamente com filmes tristes, ótimos para fazer chorar. Luming Fei não era tão desinformado a ponto de escolher um drama melancólico. Ele optou por Touro Indomável, um filme que Chen Wenwen havia recomendado no clube de literatura. A história seguia um boxeador genial que superava seus demônios internos para alcançar a liberdade espiritual. As cordas do ringue delimitavam uma alma indomável, enquanto flashes de câmeras e gritos da plateia criavam um fundo hipnótico. A trilha sonora suave, os socos em câmera lenta... — Parece que você tem muita coisa na cabeça, hein, junior? — Nono disse de repente, sem tirar os olhos da tela, apenas sorvendo o refrigerante. Luming Fei olhou para ela. Ela sempre fora inteligente — certamente já suspeitava da resposta. Ele ficou em silêncio por um momento, evitando o assunto. Em vez disso, observou Nono à luz difusa da tela. O cinema tinha um ótimo jogo de luzes: a penumbra era perfeita, e o filme em preto e branco fazia seus lábios avermelhados brilharem suavemente, sua maquiagem nos olhos cintilando como pétalas desabrochando. O ar-condicionado estava quente, deixando o rosto de Nono levemente corado. Luming Fei teve que admitir que aquilo era... tentador. Se ele se declarasse agora, ela o rejeitaria? Ou aceitaria? Será que ele estava viajando de novo? Na tela, De Niro, como LaMotta, enfrentava o campeão. Luming Fei recostou-se na poltrona, memórias passadas surgindo como um caleidoscópio de cores. Ela se aproximara lentamente da borda da banheira, envolvendo seu pescoço com os braços. Luming Fei só pôde abraçá-la — fosse uma jovem nua ou uma fera perigosa. Eles se abraçaram sobre a borda da banheira, imóveis como estátuas na escuridão. Lá fora, sob a chuva, a Tokyo Skytree acendeu-se de repente, iluminando-se por completo em tons rosados, como um farol de calor no meio da tempestade. Era como se os deuses, lá do alto, tivessem piedade daqueles dois jovens assustados, acendendo uma luz para iluminar seus olhos. — Somos todos monstrinhos. Um dia, o Ultraman justiceiro vai nos matar — ela sussurrou no ouvido dele, como se compartilhasse o maior segredo do mundo. Luming Fei ficou encarando o teto, sentindo algo vaziar de suas memórias. Ele esfregou a testa, tentando expulsar aqueles pensamentos. — Olha! LaMotta venceu o campeão! — Nono puxou a manga de Luming Fei, apontando para a tela. — Ah, aquele cara negro? Não parece tão forte — ele respondeu, voltando à realidade. Já tinha visto o filme antes, mas decidiu acompanhar o entusiasmo dela. — Mas ele estava acabando com o LaMotta antes! — É porque LaMotta se deixou corromper pela fama e perdeu de propósito — Luming Fei explicou, orgulhoso do seu conhecimento. — Ah, é mesmo? — Nono riu baixinho. Anos atrás, num hotel love no Japão, as luzes da Tokyo Skytree pintavam a noite como auroras boreais. Luming Fei fizera uma promessa: se alguém tentasse machucar aquela garota, ele a protegeria. Mas promessas são como maldições — quando não cumpridas, tornam-se realidade. Agora, ele só queria que ela vivesse bem, mesmo que nunca mais a encontrasse. Luming Fei deu um gole forte na Coca-Cola. O gás subiu, deixando seus olhos levemente úmidos. — Que burrice a minha! — Luming Fei jogou-se na cama, abraçando o travesseiro e rolando sobre o lençol. — O que foi, junior? Levou um fora da Nono? — Fingel espiou da cama de cima. — É normal, ninguém nunca sabe o que ela está pensando, mas todo mundo quer adivinhar. — Não é isso — ele abafou a voz no travesseiro. — Deixa pra lá, senior. Pegou o celular e abriu o chat com Nono. — Senhora, eu não estava muito bem hoje. Desculpa aí — ele digitou. — Relaxa, me diverti — ela respondeu rápido. — Mas você me deve uma, junior. — Pode deixar — seus dedos voaram sobre a tela. — Vou dormir. Boa noite. — Tô tirando a maquiagem. Durma bem. Boa noite. Do outro lado do mundo. Três Gargantas, Rio Yangtzé. No meio da noite, o navio Monnier Hart sacudia-se sob uma tempestade violenta. Era um temporal raro para o outono, elevando o nível do rio em quatro metros em apenas duas noites. Nenhum outro barco estava à vista — apenas as luzes do Monnier Hart cintilavam na chuva. O capitão Mannes Longdeshitaite permanecia firme na cabine de comando. O vento uivava como um demônio, e a chuva batia nas janelas como marteladas. O navio balançava, dando a impressão de que o mundo inteiro se desestabilizava. Mas o capitão

Mannes, imóvel, tragava profundamente seu charuto caro. Aquele tipo de fumo forte deixava uma névoa intoxicante, mas era exatamente o que ele precisava — a fumaça densa acalmava seus nervos. Era hora de mostrar confiança à tripulação, e um capitão impassível, fumando seu charuto, transmitia exatamente isso. De trás, veio o choro agudo de um bebê. O capitão Mannes franziu suas sobrancelhas finas e afiadas, típicas de um alemão.— Na hora de amamentar, amamentem! Na hora de brincar, brincam! Já falei mil vezes, isso é o nosso trabalho, é importante! Nenhum de vocês sabe cuidar de um bebê? — Ele virou-se para a tripulação atenta e gritou: — Alguém vai ver o que há com aquela criança?— Professor, a equipe principal do Departamento de Operações é toda de solteiros. De onde espera que a gente aprenda a cuidar de bebês? — respondeu uma garota sentada diante de uma tela, sem levantar os olhos. A luz do monitor iluminava seu rosto bonito. Ela devia ter uns vinte e poucos anos, cabelos castanhos, traços típicos de uma latina, vestindo um uniforme marítimo azul-marinho com gola grande. Parecia uma tripulante em treinamento.— Me chame de capitão. Aqui não sou professor da Academia Kassel, sou o capitão do Monyak. Puta vida, lembrei que minha aula de 'Projeto Mecânico de Magodinâmica Nível 1' já começou esta semana, e eu aqui, boiando no rio Yang-Tsé. Mans suspirou. — Tá bom, tá bom. Já que sou o único homem casado aqui, parece que cuidar do querido bebê vai cair no meu colo mesmo. Selma, fique de olho nos sinais vitais dos dois. Qualquer anomalia, puxa a corda imediatamente!— Entendido! — respondeu Selma, a garota latina, com firmeza.— Capitão, recebemos sinal do serviço de resgate das Três Gargantas. A tempestade vai continuar de madrugada, ventos podem chegar a força 10, com chuvas de até 200 mm. É uma tempestade rara, pode vir com trovoadas. Eles estão mandando helicópteros e recomendam abandonar o navio — informou o terceiro imediato, tirando os fones.— Diga a eles que nosso rebocador tem calado profundo, o casco está estável e aguenta a tempestade. Temos doentes a bordo, não dá para abandonar o navio — Mans olhou para o céu escuro lá fora, parado na porta do convés, e murmurou: — Mas essa tempestade me lembra o mar congelado da Groenlândia, dez anos atrás. Toda vez que nos aproximamos dessas coisas misteriosas, sinto que o desastre está próximo...Ele entrou no compartimento traseiro, enquanto a tripulação na proa mantinha o silêncio, focada nas telas. Cada operação era feita rápida e silenciosamente, com apenas os ruídos de interferência nos fones ecoando os batimentos cardíacos entrelaçados. Na tela de Selma, os pontos verdes subindo e descendo na janela de monitoramento mostravam que aqueles dois corações jovens e fortes ainda batiam normalmente, cinquenta metros abaixo da superfície.....Yésheng acionou a lanterna de alta potência, mas o feixe de luz xenon mal penetrava nas profundezas, formando apenas uma faixa azul-acinzentada que se perdia na água repleta de micro-organismos. A figura esguia de Yade Áji flutuava perto dele, tão perto que bastava esticar a mão para alcançá-la. Aquela garota japonesa criada nos EUA era sua colega de turma na Academia Kassel. Treinaram juntos por cinco anos antes de entrarem no Departamento de Operações, e agora conseguiam ler os pensamentos um do outro com um único olhar. Mas nunca se apaixonaram. Pela tradição, isso era proibido. Yésheng pisou suavemente no fundo do rio - provavelmente uma região montanhosa antes de ser submersa. Só havia pedras lisas pelo desgaste da correnteza, difíceis de se firmar. Ele acionou as garras de aço de suas nadadeiras e estabilizou-se sobre as rochas, escavando a lama à procura de algo. Encontrou um fragmento de cerâmica com padrões antigos e o mostrou para Áji. Ela nadou até ele e examinou o caco: — Tem pelo menos mil anos. É da cultura Shu, antes de ser assimilada pela civilização central.— Deve ser um túmulo antigo que estava na montanha e foi destruído quando as Três Gargantas foram alagadas. Os artefatos ficaram espalhados — Yésheng olhou em volta. E, para aliviar a tensão daquele mundo subaquático solitário, comentou: — A propósito, ouvi dizer que o novato de classificação 'S', Lù Míngfēi, eliminou Kǎisā e Chǔ Zǐháng logo no primeiro dia, durante o 'Dia da Liberdade'.— No teste que fizemos com ele, não demonstrou esse potencial — respondeu Yade Áji.— Pois é. Subestimamos o garoto.— Mesmo com o novo equipamento de oxigênio, não temos muito tempo. Este é mesmo o local indicado no mapa? — Ela olhou em volta. No escuro absoluto, seus olhos não viam nada.— Nôma, precisamos de um mapa estrutural do leito — Yésheng ativou o sonar em seu capacete.— Entendido. Preciso de uns vinte segundos para escanear — respondeu imediatamente o servidor central nos EUA. A comunicação transoceânica usava um canal

direto via satélite. Logo, um mapa tridimensional em linhas verdes surgiu nas telas dos capacetes.— Não dá para entender nada só com o mapa estrutural. Para ganharmos tempo... vamos ter que contar com você de novo — Áji sorriu. — Me desculpe o transtorno.— Toda vez fico acabado depois — ele reclamou, mas sorriu. — Preciso de um ponto fixo.— Eu sempre sou seu ponto fixo — ela nadou para trás dele, atinou as garras de suas nadadeiras para se prender às rochas e o abraçou por trás. — Pronto? Era assim que trabalhavam. Quando Yésheng usava sua habilidade excepcional, ficava frágil como um bebê, às vezes até desmaiando. Submerso, era perigoso - podia ser levado pela corrente ou se enroscar no cabo. Por isso, Áji sempre o segurava assim antes de ele invocar o poder das serpentes. Yésheng fechou os punhos, cerrou os olhos e sentiu as criaturas traiçoeiras se movendo em sua mente, escamas reluzindo friamente.— Monyak, preparem-se. Ativem o bloqueio eletromagnético nos equipamentos — Yésheng ordenou.— Monyak recebido. Seus sinais vitais estão normais, ondas cerebrais em alta frequência. "Serpente" pode ser ativada. Bloqueio eletromagnético completo — a voz de Selma ecoou nos fones. Yésheng fechou os olhos, esticou a mão para a escuridão e abriu a boca. A voz que saiu tinha um eco distante, como um canto ancestral. Uma língua que quase ninguém no mundo entendia mais - exceto um certo imbatível jogador de StarCraft. Era a língua dos dragões. Morta há eras. As serpentes da mente foram libertadas, deslizando pelo corpo de Yecheng como rios de energia, antes de se dissiparem nas águas escuras.

Capítulo 22 - A Cidade de Bronze (Parte 2) No Monyakh, sensores captaram uma explosão de corrente bioelétrica vinda das profundezas, espalhando-se pelas correntes aquáticas. Yaji sentiu o corpo de Yecheng tremer levemente — era seu momento mais frágil. Seu coração desacelerara para meros 30 batimentos por minuto, e a temperatura do sangue caía lentamente. A luz do capacete iluminava seu rosto pálido, apenas os olhos dourados brilhando de forma inquietante. Yaji apertou-o com mais força, tentando transmitir calor. Ela já passara por isso antes. Agora, Yecheng era frágil como uma criança em seus braços, precisando de proteção. De repente, Yecheng estremeceu. O dourado de seus olhos se apagou, o coração acelerou, e o sangue voltou a fluir quente. As "serpentes" retornaram à sua mente, adormecendo — todas, exceto uma. Essa única serpente mergulhou mais fundo, perfurando a escuridão até encontrar... luz. — Temos algo? — perguntou Yaji. — Bem abaixo de nós. Uns 100 metros. Sinto algo enorme, de metal. As serpentes se movem rápido lá — só metal conduziria energia assim. No Monyakh, Mans, observando o sonar, praguejou: — Um terremoto, agora?! — Virou-se para o imediato. — Puxem-nos! Agora! O navio tremeu. Mans sentiu o sangue gelar ao ouvir um estalo no meio da tempestade. O cabo de resgate, feito de nanomateriais, se romperá. Perderam o contato com Yecheng e Yaji. Os dois não tiveram tempo de reagir. Milhões de toneladas de água desciam violentamente, arrastando-os junto com pedaços de rocha — cada vez mais fundo. Nem a tecnologia mais avançada resistiria àquela força. Naquele instante, Yecheng lembrou-se da queda de Lúcifer: nove dias e noites caindo do céu ao inferno. Ele não sabia o que havia no fundo daquele abismo. Talvez fosse o próprio inferno. A ponte do Monyakh ficou em silêncio. Mans enterrou as mãos nos cabelos, puxando-os com força. Perdera dois de seus melhores alunos. O rádio só emitia ruídos — sinal perdido. Destino desconhecido. — Se você vir uma parede... que se estende infinitamente para cima, para baixo, para os lados... sem fim, sem limites... o que seria? — Uma voz baixa ecoou na cabine. Mans ergueu o rosto. Era a voz de Yecheng! — É a morte. Um escritor chinês de ficção científica disse isso. Agora entendo. — A voz continuou. — Sou Yecheng. Yaji e eu estamos vivos. Estou me comunicando pela corrente das serpentes. Chegamos ao palácio do Dragão Rei Norton. Confirmem, por favor. — Tem certeza? — Mans agarrou o microfone, a voz trêmula. — Professor, se visse esta muralha de bronze... você acreditaria. — Foi sorte? — Yaji sussurrou, sua linha de comunicação com Yecheng ainda intacta. — Se não foi sorte... digamos que foi um convite do Dragão Rei. — Yecheng riu. — Monyakh, precisamos do cortador de água. Mans hesitou. — Vocês estão a 150 metros. O cortador não alcançaria, e seu oxigênio está no limite. Mesmo com reservas extras, só teriam duas horas. Sugiro abortar a missão. O despertar do Dragão Rei ainda não chegou. Teremos outra chance. — Professor... você pararia para respirar ao tocar os limites do mundo? — Yecheng respondeu. — O despertar pode não ter chegado, mas a serpente que entrou... ela tem medo. Está circulando algo lá dentro.

<http://portnovel.com/book/21/3151>